





A IMPRESSÃO  
NAS MISSÕES  
JESUÍTAS  
DO PARAGUAI



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Reitor*

Carlos Gilberto Carlotti Junior

*Vice-reitora*

Maria Arminda do Nascimento Arruda

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO

*Pró-reitor*

Aluisio Augusto Cotrim Segurado



PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

*Pró-reitor de Cultura e Extensão Universitária*

Maria Aparecida de Andrade Moreira Machado

*Pró-reitora Adjunta de Cultura e Extensão Universitária*

Margarida Maria Krohling Kunsch



BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN

*Diretor*

Alexandre Macchione Saes



PUBLICAÇÕES BBM

*Editor*

Plinio Martins Filho

*Editoras-assistentes*

Millena Santana Machado

Bruna Xavier Martins



EDITORA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

*Diretor-presidente*

Sergio Miceli Pessoa de Barros

COMISSÃO EDITORIAL

*Presidente*

Rubens Ricupero

*Vice-presidente*

Maria Angela Faggin Pereira Leite

Clodoaldo Grotta Ragazzo

Laura Janina Hosiasson

Merari de Fátima Ramires Ferrari

Miguel Soares Palmeira

Rubens Luis Ribeiro Machado Júnior

*Suplentes*

Marta Maria Geraldtes Teixeira

Primavera Borelli Garcia

Sandra Reimão

*Editora-assistente*

Carla Fernanda Fontana

*Chefe Div. Editorial*

Cristiane Silvestrin

FERNANDA VERISSIMO

A IMPRESSÃO  
✿ NAS MISSÕES ✿  
JESUÍTAS  
DO PARAGUAI

*Século XVIII*

publicações  
BBM

edusp

Copyright © 2022 Fernanda Verissimo

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, das editoras.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Verissimo, Fernanda

A Impressão nas Missões Jesuítas do Paraguai: Século XVIII / Fernanda Verissimo. – 1. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Publicações BBM, 2022.

ISBN 978-65-5785-029-9 (Edusp)

ISBN 978-65-87936-01-7 (Publicações BBM)

1. Jesuítas – Missões. 2. Jesuítas – Missões – Paraguai – Século XVIII. 3. Paraguai – História. 1. Título.

21-66473

CDD-266.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Jesuítas: Missões: História: Século XVIII 266.2

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

Direitos reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo  
Rua da Praça do Relógio, 109-A, Cidade Universitária  
05508-050 – São Paulo – SP – Brasil  
Divisão Comercial: tel. (11) 3091-4008 / 3091-4150  
www.edusp.com.br – e-mail: edusp@usp.br

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin  
Rua da Biblioteca, 21 – CEP 05508-065  
Cidade Universitária, São Paulo, SP, Brasil  
bbm@usp.br / tel.: (11) 2648-0320

Printed in Brazil 2022

Foi feito o depósito legal

## SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS .....	11
PREFÁCIO – <i>Marisa Midori Deaecto</i> .....	13
APRESENTAÇÃO .....	17
INTRODUÇÃO.....	21
 PRIMEIRA PARTE: A COMPANHIA DE JESUS .....	 43
1. Expansão e Estratégias de Evangelização na Ásia, América e África: Sociedades Letradas e Sociedades Ilustradas .....	 45
2. Os Jesuítas e a Impressão .....	53
<i>Impressão Jesuíta na Ásia</i> .....	58
3. A Companhia de Jesus nas Américas .....	71
<i>A Província Jesuíta do Paraguai</i> .....	72
<i>As Reduções: Artes e Ofícios, Impressão</i> .....	85
<i>Alfabetização e Educação entre os Guaranis das Missões</i> .....	94
 SEGUNDA PARTE: A IMPRESSÃO NAS AMÉRICAS E O PAPEL DOS JESUÍTAS .....	 101
1. Início da Impressão na América Colonial .....	103
<i>Primeiros Catecismos e Gramáticas em Guaraní</i> .....	115

2. Impressão nas Missões do Paraguai.....	117
“Una Prensa para el Bien de las Almas” .....	117
“Reduzir” a Língua Guarani: A Criação de um Guarani “Jesuíta” .....	134
Uma Elite Letrada – O Autor Nicolas Yapuguay .....	138

### TERCEIRA PARTE: ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA DOS LIVROS IMPRESSOS

NAS MISSÕES .....	143
1. <i>Martirologio Romano</i> , primeira edição, Loreto 1700 .....	151
2. <i>Flos Sanctorum</i> , 1700, três vols. ....	153
3. <i>De la Diferencia Entre lo Temporal y lo Eterno – Impreso en las Doctrinas</i> [Loreto], 1705.....	155
4. <i>Instruccion Practica Para Ordenar Santamente la Vida – Loreto, 1713</i> .....	177
5. <i>Manuale Ad Usus Patrum Societatis Jesu – Loreto, 1721</i> .....	183
6. <i>Vocabulario de la Lengua Guarani – S. María la Mayor, 1722</i> .....	189
Colaço: <i>Vocabulário de la Lengua Guarani</i> .....	192
7. <i>Arte de la Lengua Guarani – Santa María La Mayor, 1724.</i> .....	199
Colaço: <i>Arte de la Lengua Guarani</i> .....	208
8. <i>Explicacion de el Catechismo en Lengua Guarani – S. María la Mayor, 1724</i> ..	227
Colaço: <i>Explicacion de el Catechismo en Lengua Guarani</i> .....	236
9. <i>Sermones y Exemplos en Lengua Guarani – S. Francisco Xavier, 1727</i> .....	239
10. <i>Carta que el Señor Doctor Jose de Antequera y Castro – S. Francisco</i> Xavier, 1727 .....	247
11. <i>Obras Conhecidas Através de Relatórios ou Correspondência Jesuíta,</i> <i>Sem Exemplares Sobreviventes</i> .....	253
CONCLUSÃO .....	255
LOCALIZAÇÃO ATUAL DOS EXEMPLARES.....	265



FONTES .....	271
1. Manuscritas.....	271
2. Impressas .....	271
a. <i>Corpus</i> , edições originais .....	271
b. Documentos e livros (séculos XVI – XIX).....	272
3. Obras sobre jesuítas, guaranis e missões do Paraguai .....	276
4. Obras sobre Impressão e História do Livro .....	279
5. Bibliografia geral.....	281
6. Artigos .....	283



## AGRADECIMENTOS

**E**ste trabalho só foi possível graças ao apoio de numerosas bibliotecas, em especial a Biblioteca John Carter Brown, em Providence, onde estive como bolsista em 2003 e em 2013. Agradeço especialmente a Norman Fiering, diretor da JCB à época de minha primeira visita, e a Neil Safer, diretor em minha segunda estada, assim como a toda a equipe da biblioteca norte-americana.

No Brasil, encontrei junto a José e Guita Mindlin uma generosidade que foi além da recepção em sua magnífica biblioteca, ainda na casa do Brooklin paulista, e que se transformou numa inesquecível amizade. Lembro também com carinho da ajuda e da amizade de Cristina Antunes, curadora da Coleção Mindlin à época. Sou igualmente grata ao pessoal da Fundação Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e à equipe da biblioteca da Unisinos, em São Leopoldo.

Na Argentina, foi graças à amizade de Laurence Thouin que conheci Lucio Aquilanti, então proprietário da Livraria Fernandez Blanco; Horacio González, então diretor da Biblioteca Nacional da Argentina; e Patricio Gatti, um entusiasta do prelo manual, que muito me ajudaram com sua disponibilidade e interesse. Ao colecionador argentino Horacio Porcel, falecido em 2016, sou grata pelo acesso a sua rica coleção de livros missionários. Agradeço igualmente à direção e ao pessoal da Biblioteca Enrique Peña, em Lujan, assim como à equipe do Museu Mitre, em Buenos Aires.

Na França, sou especialmente grata ao pessoal da seção de livros raros da Biblioteca Nacional, que visitei com frequência.

Muitos outros colegas e amigos foram determinantes no desenvolvimento deste trabalho e agradeço a generosidade e a disposição de todos. Gostaria, no entanto, de assinalar alguns que estiveram associados a este projeto de maneira especial.

Ao Professor Luiz Felipe de Alencastro, orientador da tese de doutorado que dá origem a este livro, agradeço pela amizade, direção e, sobretudo, pela paciência com

a qual acompanhou minhas pesquisas, nem sempre expeditivas. Entre os numerosos especialistas que responderam generosamente às minhas muitas dúvidas e questionamentos, destaco a ajuda dos professores Eduardo Neumann, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Guillermo Wilde, da Universidade Nacional de San Martín, em Buenos Aires, Ricardo González, da Universidade de Buenos Aires, Marina Garone Gavrier, da Universidade Nacional do México e Franz Obermeier, da Universidade de Kiel, Alemanha. Tive também o prazer de conhecer muitos bibliófilos e colecionadores, no Brasil e no exterior, e, dentre eles, saúdo em especial Cassio Ramiro Mohallem Coltrim, por seu constante interesse e generosidade. Ao editor Plínio Martins Filho devo o estímulo para transformar minha tese em livro. Às professoras Paula Ramos e Marisa Midori Deaecto agradeço a leitura atenta e as observações sempre pertinentes em relação ao texto final deste livro. Finalmente, devo a John Barnard, Professor Emérito da Universidade de Leeds, na Grã-Bretanha, a descoberta do campo da História do Livro e da Bibliografia.

Entre os queridos amigos que acompanharam meus anos na França, agradeço em especial o carinho de Nadine e Armand Brun, de Patrick, Any e Alexandra Bourrier, de toda a família Reali, em especial Amélia e Júnior, de Stéphane Levy, Fernando Eichenberg, Ilana Heineberg, Vera Alíbio, Hervé Tonin, minhas afilhadas Amélie e Haude Alíbio Tonin e de meu *ange gardien* Virgílio Mendes.

Por fim, saúdo a generosidade e o bom humor de minha família. Esse longo projeto não teria sido possível sem o apoio e o afeto de David e Clarissa Verissimo Jaffé, Luis Fernando e Lucia Helena Massa Verissimo, Mariana, Ricardo e Davi Verissimo Ghelman, Pedro Verissimo e, muito especialmente, de Andrew e Lucinda Verissimo Sykes.

## PREFÁCIO

*Marisa Midori Deacto<sup>1</sup>*

*A cidade letrada quer ser fixa e atemporal como os signos, em oposição constante à cidade real que só existe na história e se adequa às transformações da sociedade. Os conflitos são, portanto, previsíveis.*

ÁNGEL RAMA, *As Cidades das Letras*, 1984.

**E**m *A Impressão nas Missões Jesuítas do Paraguai*, de Fernanda Verissimo, o conflito observado entre a cidade letrada e a cidade real se afigura em diferentes planos: no espaço construído, que opõe as cidades europeias às cidades coloniais, estes campos vazios, como papéis em branco, sobre os quais repousa o sonho de uma cidade ideal; e que, por extensão, faz contrastar o projeto ordenado das reduções jesuíticas com os centros coloniais, nem sempre munidos da mesma infraestrutura e de artifícios balizados em diferentes expertises, como observa a autora; o contraste atinge camadas mais profundas, a saber, no ideal de sociedade vislumbrado segundo os ditames da metrópole, não raro em choque com a sociedade que se assentava em solo americano; no espaço da comunicação dominante, marcado pela diglossia, evidencia-se a fronteira entre a língua falada (espanhol e português) e um sistema intrincado (barroco) de escrita, respeitante à norma culta europeia.

Assim a história dos livros impressos por jesuítas e guaranis, nessa porção meridional da América, no limiar do século XVIII, alude a múltiplas formas de coerções e de tensões no processo de constituição do espaço e das letras americanas. Pensemos nos embates latentes, ainda em nossos dias, que a alfabetização das populações indígenas levanta. À difícil tarefa de ensinar as letras em um ambiente marcado pela oralidade, em suma, ao desafio didático-pedagógico do letramento, somam-se outros

---

1. Marisa Midori Deacto é professora livre-docente em História do Livro do curso de Editoração, da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

tantos, relacionados, por exemplo, aos estudos linguísticos, como a transcrição dos fonemas e sua transposição para um sistema alfabético, que possibilita a fixação da língua em regras gramaticais elementares. Todo esse esforço se concretiza na publicação de manuais, dicionários, gramáticas, edições de textos bilíngues – os quais foram meticulosamente levantados e analisados pela autora – e, vale acrescentar, a partir de matrizes importadas. Se a *A Gramática de Nebrija* (1492) fixou as linhas mestras da língua (escrita) espanhola, donde seu significado profundo como símbolo de poder no Novo Mundo, a *Gramática* de Anchieta (1595) modelou os estudos e os mapeamentos subsequentes das línguas indígenas. Esses aspectos devem ser sopesados pelo historiador atento não apenas às consequências do letramento, mas também à relação desafio/*risposta* que se coloca, segundo a perspectiva etnográfica, quando se trata de avaliar os mecanismos e as motivações que conduziram os jesuítas à produção de livros na área colonial, os quais vinham adensar as bibliotecas religiosas, formadas por uma quantidade não negligenciável de volumes importados ou trazidos pelos missionários.

Mas a construção do livro pressupõe, além dos aspectos linguísticos acima elencados, o domínio da arte da escrita e/ou da tipografia. E se, como afirma a autora, os ateliês tipográficos das missões estão longe de apresentar o mesmo grau de profissionalização observado na Europa, no limiar da modernidade, não se pode duvidar da eficiência dos artífices de Loreto, Santa María la Mayor, ou São Francisco Xavier. Ademais, independente do grau de especialização que atinge uma oficina gráfica, uma mudança de paradigma se impõe, ou seja, o gesto de compor livros (à mão ou com tipos) demanda a percepção do espaço sob a óptica da “razão gráfica”, segundo termo cunhado por Jack Goody<sup>2</sup>. Nesse sentido, a imagem do “papel branco” evocada por Veríssimo à luz de diferentes passagens tomadas aos missionários, tanto remete ao terreno virgem, franqueado para novas edificações, a partir de planos desenhados – a cidade ideal – quanto à folha preenchida pela arte negra. Pois, assim como as cidades permitem múltiplas leituras a partir de suas construções e das formas como elas se dispõem no espaço, também o texto inscrito em uma página alude a outras tantas formas de leitura que perpassam o campo estritamente semântico.

Donde a importância de ler a página segundo os pressupostos da bibliografia material<sup>3</sup>, ou seja, compreender a natureza do papel – e, nesse caso, não escapa à autora nem mesmo a identificação das filigranas! – definir o formato do volume, o desenho das margens, a forma da mancha, o corpo das letras, o uso de glifos que não raro remetem a adaptações de sinais inexistentes nas línguas matrizes, entre outros tantos

2. J. Goody, *La Raison Graphique: La Domestication de la Pensée Sauvage*, Paris, Éditions de Minuit, 1979.

3. Na verdade, a proposta da autora segue de par com os múltiplos desenvolvimentos da disciplina bibliográfica, ao considerar a descrição e a identificação da natureza das marcas contidas nos volumes como produtos sociais, portanto, passíveis de reflexões histórico-sociológicas. Nesse sentido, ver D. F. McKenzie, *Bibliografia e Sociologia dos Textos*, trad. Fernanda Veríssimo, São Paulo, Edusp, 2018.

elementos fixados no objeto livro. Trata-se, noutros termos, de um exercício escrupuloso que consiste na descrição fac-similar de um volume. Uma vez escrutinados todos os exemplares de um mesmo título tirado em uma única oficina tipográfica, com as mesmas características formais, no mesmo ano de edição (indicado ou não na imprensa), interessa compará-los, perscrutá-los, decifrá-los para, em seguida, lançá-los ao mundo, questionar sua condição de existência, seu público e os usos que deles fizeram. Sem dúvida, após a análise detalhada de sete exemplares de *A Arte de la Lengua Guarani* (1724), três de *Vocabulario de la Lengua Guarani* (1722) e cinco de *Explicacion del Catechismo en Lengua Gurani* (1724), Fernanda Verissimo expõe os resultados de um exercício ímpar – e raríssimo nos estudos brasileiros – de reconhecimento dos processos de fabricação de um volume por meio de suas marcas.

*Verba volant, scripta manent.* As palavras voam, mas são imprescindíveis. Elas conferem sentido às atividades rotineiras, aproximam as pessoas e são essenciais nos rituais litúrgicos. As palavras, observa a autora, remetem ao sacramento da confissão, rejeitado pelos protestantes, abraçado pelos católicos. Mas as palavras impressas (*scripta*), sobretudo no contexto das reduções, têm um sentido mais profundo. Autores, tradutores e artífices, entre calígrafos – não podemos ignorá-los, pois muitos livros eram copiados à mão –, tipógrafos ou gravadores, compunham seus trabalhos em uma mesma comunidade. Além disso, eles certamente comungavam das mesmas alegrias e das mesmas inquietações, a saber, atingir no âmago seus leitores, fazer o livro falar suas línguas. Tudo isso porque acreditavam que o impresso era “fonte de textos fixos, estabelecidos e verdadeiros” (p. 257).

Difícil não pensar naquele inocente Cochimí que acreditava no caráter anímico de um texto gravado sobre um pedaço de papel. A história se perpetuou e foi reproduzida em outro contexto. Seus ouvintes, ou leitores, não mais precisavam se divertir com um relato passado na Baixa Califórnia, no século XVI, quando um indígena acreditou que uma carta, testemunha ocular de seu delito – ele comera o pão endereçado a um religioso de outro vilarejo – o havia denunciado. No interior de São Paulo, fontes orais transmitiram uma versão incrivelmente semelhante dos fatos: um trabalhador escravizado, ao ser indagado pelo pão que não fora entregue juntamente com a carta, responde com surpresa que aquele pedaço de papel mentia, pois não havia nenhum pão. Numa segunda vez, o jovem ingênuo sustenta, como fizera seu antecessor, séculos antes, que “desta vez a carta mentia”, pois ele comera do pão às escondidas, atrás de uma pedra. Como não acreditar no caráter totêmico do livro, evocado com tanta propriedade neste precioso estudo<sup>4</sup>.

4. A história do escravo foi colhida em fontes orais. Chama a atenção sua semelhança com o relato recuperado por Miguel León-Portilla, *Códices. Os Antigos Livros do Novo Mundo*, Florianópolis, Editora da UFSC, 2021, pp. 17-18.

Insistamos em um último aspecto, dentre tantos outros que o espaço deste texto não nos permitirá evocar. A rigor, o uso da palavra impressa se apresenta como um componente de aculturação nas missões jesuíticas, posto que se destine à redução e à evangelização dos guaranis. Porém, resulta desse esforço coletivo a formação de artífices especializados nas artes da escrita, composição, gravação, encadernação, num só termo, nas artes do livro. Também os indígenas se ocupavam de outras tarefas, talvez, mais nobres, enquanto tradutores e autores de suas próprias obras. Nicolas Yapuguay testemunha bem a formação de uma “elite letrada” – talvez, o termo seja forte demais – na redução de Santa María la Mayor.

Não restam dúvidas de que os exemplares remanescentes de uma atividade tão grandiloquente quanto complexa como a *ars impressoria* dizem muito sobre o sentido civilizatório que os jesuítas imprimiram nesses livros. Mas essa história não para por aí. O domínio sobre o mundo das letras engendrou, antes, um amálgama civilizatório, na medida em que facultou aos indígenas, uma minoria, certamente, o *abre-te sésamo* das estruturas de poder, ou seja, a chave da palavra, o uso do verbo. As guerras guaraníticas, essa cena terrível na qual jesuítas e indígenas lutaram bravamente contra uma força absolutamente descomunal, alicerçada pelo poder bélico do elemento colonizador, expuseram, no mar de cartas endereçadas aos oficiais da Coroa pelos indígenas, um poder surpreendente sobre a palavra escrita, apropriada e manipulada para diferentes fins. Não estamos a tratar de exemplos flagrantes de transculturação, à luz de Ángel Rama?

*A Impressão nas Missões Jesuítas do Paraguai* é livro raro, síntese de uma produção bibliográfica rica e variada, produto de uma pesquisa intensa e inédita. E se a escritura indígena, como aponta a autora, “não é apenas vista como meio de ensinar as doutrinas aos neófitos [...] [mas como] garantia de memória” – lembremos Plínio, o Velho, para quem o pergaminho “era essencial para o desenvolvimento da civilização, ao menos para fixar suas lembranças”<sup>5</sup> –, podemos pensar, de modo análogo, que um trabalho de pesquisa como este, que se coloca ao público, tem a nobre tarefa de preservar a memória das reduções jesuíticas por meio de seus livros. Ademais, é preciso aprender com Juan de Córdova, de cujas palavras fazemos uso nesse epílogo: “Podemos dizer que todo homem que põe e deixa algo por escrito em favor do bem comum, é digno de louvor” (1578). Evoé, Fernanda Verissimo!

---

5. *Apud* Frédéric Barbier, *História do Livro*. São Paulo, Paulistana, 2001, p. 43.



## APRESENTAÇÃO

**P**ara quem não sabia nada dele, o campo da história do livro se abriu como um mundo de pequenos mistérios, investigações minuciosas e ares de seita. No final dos anos 1990, depois de trabalhar alguns anos em uma editora no Brasil tratando de questões práticas da produção de livros, procurei uma opção de estudos que me mantivesse na mesma área, mas que evitasse o mercado editorial moderno e suas questões técnicas e comerciais. Meio sem querer, encontrei um mestrado em Bibliografia e Estudos de Texto na Universidade de Leeds e, nele, o mundo da bibliografia material e da história do livro impresso. Curso pequeno, com mais professores que alunos, o mestrado inglês oferecia uma viagem teórica e prática (na forma de um libretto composto e impresso por mim e meu único colega, numa prensa manual) pelo desenvolvimento da tipografia ocidental e pelas principais questões da crítica de texto dele decorrentes. Completei o mestrado com uma dissertação sobre um impressor londrino do século XVI e em seguida parti para um estágio na Biblioteca Britânica, em Londres.

Depois de dois meses no departamento de antiguidades e na equipe do *English Short Title Catalog*<sup>1</sup>, com incontáveis comparações entre diferentes exemplares de mesmos títulos, me perguntava se algum dia voltaria aos livros contemporâneos. De retorno ao Brasil, uma conversa com José Mindlin, em sua biblioteca de São Paulo, me convenceu que não – ou pelo menos não tão cedo. Dr. José tinha entre as mãos um exemplar do *Explicacion de el Catecismo en Lengua Guarani*, escrito por um guarani missioneiro e impresso na redução jesuítico-guarani de Santa María la Mayor em 1724. Apesar de ter algum conhecimento sobre as missões do Paraguai, eu sabia

---

1. O *English Short Title Catalogue* (ESTC) é um catálogo de obras impressas entre 1473 e 1800 nas ilhas britânicas e em suas colônias, quase todas – mas não exclusivamente – em inglês. Ela inclui mais de quatrocentas mil obras, extraídas dos catálogos da Biblioteca Britânica e de duas mil outras bibliotecas ao redor do mundo.

muito pouco sobre os livros ali impressos e ainda menos sobre a existência de indígenas escritores. À procura de um bom tema para seguir na esfera da bibliografia, agora numa pesquisa de doutorado, achei-o no que pensava ser um detalhe na vasta história dos jesuítas. A ideia inicial – e o núcleo original da tese de doutorado – era empregar na descrição desses livros missionários as técnicas que aprendera no curso de Leeds. Muito rápido, no entanto, me dei conta de que aquilo que considerava apenas um “detalhe” só poderia ser entendido se colocado dentro do ambicioso projeto missionário jesuíta e, de modo ainda mais amplo, estudado através da vasta documentação escrita pelos e sobre os inácianos. Tarefa complexa, principalmente para alguém que vinha de outra área, a história do livro, e que se via frente a uma bibliografia das mais extensas e a historiadores dos mais apaixonados. Assim, é inevitável que haja simplificações e generalidades, cometidas na tentativa de atravessar a história da Companhia de Jesus para entender o seu apego à palavra escrita e impressa.

De todo modo, o momento atual dos estudos sobre as missões jesuítico-guarani talvez seja ideal para esta minha contribuição. É cada vez mais evidente a complexidade das relações entre religiosos e indígenas, assim como entre as missões e o mundo colonial que as rodeavam e do qual faziam parte, a não homogeneização dos guaranis “reduzidos” e a participação ativa dos indígenas na administração e no funcionamento das reduções.

A tese de doutorado que deu origem a este livro foi defendida na França ao final de 2011, na Escola de História Moderna e Contemporânea da Sorbonne. Depois disso, voltei à Biblioteca John Carter Brown (onde estive pela primeira vez em 2003) para mais pesquisas e tive acesso à mais recente literatura acadêmica sobre a escrita e a impressão nas missões. Quando possível e pertinente, incluí estes novos dados e análises no trabalho que segue.

A bibliografia, tão objetivamente definida por W. W. Gregg, decano da escola bibliográfica anglo-americana, como “o estudo de livros como objetos tangíveis”<sup>2</sup> talvez pareça uma ferramenta pouco adaptada para afrontar a enorme complexidade do experimento missionário. Afinal, estes métodos de análise e de descrição de livros e documentos impressos antes de 1800, por meios artesanais, com composição e prensas manuais, nasceram na Inglaterra da primeira metade do século XX com a intenção bem precisa de estudar edições impressas de textos shakespearianos e outros do período elisabetano o que os torna pouco adaptados até para o estudo de outros centros

---

2. “Bibliografia é o estudo do livro como objeto tangível. Ela examina o material do qual eles são feitos e a forma com que esses materiais são combinados. Traça o espaço e modo de origem dos livros, e as subseqüentes aventuras que deles se sucederam. Ela não se preocupa com os conteúdos no sentido literário, mas certamente se preocupa com os sinais e símbolos contidos nos livros (separados de seus significados), pois a maneira na qual essas marcas são escritas ou impressas é um fato bibliográfico muito importante” (W. W. Gregg, em G. Thomas Tanselle, *Bibliographical Analysis: A Historical Introduction*, Cambridge University Press, 2009, p. 21).

editoriais europeus da mesma época, mais desenvolvidos que aquele da renascença inglesa<sup>3</sup>. Mas é justamente o caráter tão particular da impressão missioneira – por mais distante, geográfica e circunstancialmente, de qualquer experiência europeia contemporânea – que me convenceu a usá-los.

Para ir além dos limites e objetivos estabelecidos pela bibliografia analítica, procurei o suporte do que se costuma chamar bibliografia histórica e sua atenção ao contexto no qual o livro foi produzido e às evidências externas ao livro, tentando encaixar a pequena produção das prensas missionárias em suas circunstâncias históricas. À sombra de D. F. McKenzie, tentei sempre trabalhar com a ideia de que “um livro nunca é só um *objeto* admirável e que, como qualquer outra tecnologia, ele é invariavelmente o produto da agência humana em contextos mutáveis que devem ser recuperados se buscamos entender a criação e comunicação de significado como características definidoras das sociedades humanas”<sup>4</sup>. Usando mais uma vez as palavras de W. W. Gregg, procurei reconstruir a história e as aventuras de cada livro desta produção tão peculiar, como “veículo material da palavra viva”<sup>5</sup>.

Minha expectativa é que essa história e os resultados das comparações que fiz entre tantos volumes impressos nas missões, colaborem, mesmo que nos detalhes, a montar este novo retrato de uma experiência política e religiosa complexa, que ainda hoje espanta e instiga. Aos bibliógrafos de plantão, só posso pedir que usem e completem – com os exemplares aos quais não tive acesso – as tabelas que montei como resultado da colação entre tantos e tão surpreendentes livros.

---

3. N. Harris, *Analytical Bibliography: An Alternative Prospectus*, Lyon, Institut d'Histoire du Livre, 2004, online: <http://ihl.enssib.fr/analytical-bibliography-an-alternative-prospectus>.

4. D. F. McKenzie, *Bibliography and the Sociology of Texts*, Cambridge University Press, 1999, p. 4. [Trad. Fernanda Verissimo, *Bibliografia e a Sociologia dos Textos*.]

5. W. W. Gregg, em G. T. Tanselle, *op. cit.*, p. 21

LANÇAMENTO 2022

# JÁ DISPONÍVEL

LIVRARIA VIRTUAL

[www.edusp.com.br/loja](http://www.edusp.com.br/loja)

LIVRARIAS

[www.edusp.com.br/livrarias](http://www.edusp.com.br/livrarias)

INFORMAÇÕES

Divulgação Edusp

[divulga@usp.br](mailto:divulga@usp.br)

